PRODUZIR MAIS DO QUE SE CONSEGUE LER

A INTEGRIDADE DE QUEM COMUNICA NA ERA DO ALGORITMO E DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Por Ainor Francisco Lotério

INTRODUÇÃO

Vivemos a era dos produtores de conteúdo. Nunca se publicou tanto, tão rápido, com tanta facilidade. Textos, vídeos, imagens e frases de efeito jorram sem pausa nas telas, e cada um de nós tornou-se, de algum modo, uma pequena editora de si mesmo. Diante dessa abundância, faço a pergunta que poucos parecem dispostos a fazer. Quem produz tanto ainda consegue ler o que produz? Ainda para para refletir sobre o que assina? Ou já entrou naquele embalo em que a máquina publica mais depressa do que a alma consegue acompanhar? Este artigo enfrenta essa questão, não para condenar ferramenta alguma, mas para propor uma volta a si a quem comunica com pessoas.

1. A FERRAMENTA NÃO É O PROBLEMA, A RELAÇÃO É

Não há pecado algum em usar as ferramentas do tempo. A inteligência artificial é aliada de quem tem o que dizer e busca dizer melhor. O problema não está na ferramenta, está na relação que estabelecemos com ela. Uma coisa é usar a tecnologia para lapidar um pensamento que é meu, que nasceu da minha vivência, que passou pela minha reflexão antes de virar publicação. Outra, bem diferente, é terceirizar o próprio pensamento, deixar que a máquina produza no meu lugar e apenas assinar embaixo, como quem colhe uma safra que nunca plantou. Já defendi que a mente humana não é substituída pela tecnologia, mas potencializada quando a usa com discernimento, no que chamo de uso inteligente da inteligência artificial (LOTÉRIO, 2025).

2. O QUE NÃO É SEU, MAS SE APRESENTA COMO SEU

Aqui está o ponto que me inquieta. Se você produz muito além daquilo que consegue ler, digerir e sustentar, então aquilo não é seu. E o que não é seu, mas se apresenta como se fosse, tem um nome antigo e honesto. Não importa quão bonito seja o texto, quão elevada a frase, quão nobre a intenção. Se você mesmo não parou para ler, não se comoveu, não conferiu se aquilo é verdade e se corresponde ao que você acredita, você não é autor. É apenas o rótulo colado numa embalagem que outro encheu. A autenticidade, adverte Byung-Chul Han, torna-se cada vez mais rara justamente numa cultura em que o volume de informação cresce sem parar (HAN, 2018).

3. A PROCEDÊNCIA COMO ÉTICA DA PALAVRA

O agricultor sério conhece cada palmo da sua terra. Ele sabe de onde veio a semente, como foi o plantio, o que a chuva fez e o que a estiagem levou. A colheita tem o seu suor dentro. Por isso ele pode olhar nos olhos de quem compra e garantir a procedência do que oferece. O produtor de conteúdo que despeja no mundo aquilo que não leu nem entendeu está fazendo o contrário. Está oferecendo uma safra sem procedência, sem raiz, sem responsabilidade sobre o que ela vai fazer no prato de quem a recebe. Essa reconexão entre o trabalho, a terra e a responsabilidade sobre o fruto é o coração da leitura agrosófica da vida (LOTÉRIO, 2022).

4. O ADOECIMENTO DA COMUNIDADE PELO EXCESSO

É justamente aí que mora o dano maior, porque isso não fica só em quem publica. Isso adoece a comunidade inteira. Quando o volume substitui a verdade, o público perde a capacidade de distinguir o que tem lastro do que é apenas ruído bem produzido. As pessoas se acostumam a receber muito e a sentir pouco. A palavra, que sempre foi ponte entre seres humanos, vira mercadoria descartável. Byung-Chul Han descreve com precisão esse fenômeno, no qual o excesso de estímulos destrói a atenção profunda e contemplativa, aquela que permite o pensamento genuíno (HAN, 2015). Uma comunidade bombardeada por conteúdo sem alma vai, aos poucos, se insensibilizando. Deixa de se emocionar, deixa de confiar, deixa de acreditar que por trás de um texto existe alguém de verdade querendo dizer algo de verdade.

5. COMUNICAR É RESPONSABILIDADE SOBRE O OUTRO

O que está em jogo não é a quantidade de publicações. É a integridade de quem publica. Comunicar é um ato de responsabilidade sobre o outro. Cada palavra que lançamos vai parar dentro de alguém, e ali produz efeito, para o bem ou para o mal. Assinar o que não se leu é abrir mão dessa responsabilidade. É tratar a atenção alheia como terra de ninguém. Quem comunica com seriedade sabe que a palavra é semente, e que semente lançada sem cuidado ou germina errado ou não germina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não escrevo isto para condenar ferramenta nenhuma, nem para acusar quem quer que seja. Escrevo para provocar uma volta a si. Antes de apertar o botão que publica, vale a pena um instante de silêncio e uma pergunta simples. Isto é meu? Eu li? Eu penso assim de verdade? Eu assinaria isto olhando nos olhos de quem vai receber? Se a resposta for sim, publique com a serenidade de quem planta o que é seu. Se for não, talvez seja hora de produzir menos e refletir mais, porque no fim das contas o que sustenta

uma comunidade não é o volume do que se diz. É a verdade de quem diz.

REFERÊNCIAS

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. No enxame: perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes, 2018.

LOTÉRIO, Ainor Francisco. O poder da mente na motivação humana e o uso inteligente da inteligência artificial. Camboriú: Portal Ainor Lotério, 2025. Disponível em: https://ainor.com.br. Acesso em: 14 jul. 2026.

LOTÉRIO, Ainor Francisco. O grão de mostarda e a Agrosofia: mística da vida com base nas forças agronaturais. Camboriú: Portal Ainor Lotério, 2022. Disponível em: https://loterio.com.br. Acesso em: 14 jul. 2026.